Sandrina Teixeira Costa

Casais sem filhos: perspetiva desenvolvimental, satisfação conjugal e com a vida

Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica
Área de especialização em Terapias Familiares e Sistémicas

Coimbra, 2024

Casais sem filhos: perspetiva desenvolvimental, satisfação conjugal e com a vida

Sandrina Teixeira Costa

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e Terapias Familiares

Orientadora: Professora Doutora Inês Pimentel, professora auxiliar convidada ISMT

Membros do júri

Presidente: Professora Doutora [Joana Sequeira], professora auxiliar convidada ISMT

Arguente: Professora Doutora [Gabriela Fonseca], professora auxiliar convidada ISMT

Coimbra, outubro 2024

Agradecimentos

Quero começar por agradecer aos meus pais, à minha irmã, à Dina e ao Nelson que me apoiaram em todo o percurso e cada passo desta longa caminhada. Ao Pedro e ao João por sem terem a noção, foram a minha maior força e inspiração.

À Maria, por todo o amor, pela paciência, por me motivar todos os dias a querer mais, ser melhor e a nunca desistir.

Um agradecimento aos meus amigos e às sextas milagrosas, e que foram um grande apoio ao longo da caminhada e puxaram sempre por mim, sem nunca baixar os braços.

À minha família, o pilar de muito e de tudo.

Um agradecimento especial à Professora Inês Pimentel, por me encorajar e mostrar que todos os obstáculos que possam aparecer, podemos pegar neles e fazer um futuro melhor.

Queria deixar também um agradecimento especial a todos os casais que se disponibilizaram para a realização deste tema.

Agradecer a todos os professores que se cruzaram ao longo deste caminho, pela dedicação, e este trabalho se deve ao fruto das aprendizagens que alcancei convosco.

Por último, mas não menos importante, obrigada a vocês aí em cima, porque as estrelas também falam.

Em suma, agradecer a todos que contribuíram para que este momento chegasse.

"O que impede a ação é o que faz avançar
O que se põe no caminho torna-se o caminho"
Ryan Holiday

Resumo

Objetivos: O objetivo principal deste estudo foi contribuir para o conhecimento acerca do funcionamento dos casais sem filhos, independentemente das razões subjacentes, e como esses casais evoluem ao longo do tempo e as forças que identificam em si próprios. Especificamente, o objetivo era identificar crises e mudanças percebidas como importantes no desenvolvimento desses relacionamentos, analisar os motivos pelos quais as pessoas não têm filhos e examinar a satisfação conjugal e a satisfação com a vida, em função da duração da relação e da fase do ciclo vital do casal em que cada pessoa se encontra.

Metodologia: O presente estudo é de metodologia quantitativa e de natureza transversal. Participaram nesta investigação 104 sujeitos com idades compreendidas entre os 20 e os 58 anos. Os dados foram recolhidos através de um questionário no *Google Forms*, que continha respostas abertas e fechadas. Os instrumentos aplicados foram o questionário sociodemográfico, Escala de Ajuste Diádico Revisto (Pereira et al., 2010) e a Escala de Satisfação com a Vida (Baptista, 2011).

Resultados: Os resultados revelaram que a maioria dos participantes (48,1%) deseja ter filhos, mas ainda não conseguiu concretizar esse desejo, enquanto que 18,1% optaram por não ter filhos para manter a liberdade pessoal. Em relação aos momentos mais marcantes na trajectória dos seus relacionamentos, os eventos mais frequentemente mencionados foram rituais como pedidos de namoro e casamento (53,8%), seguidos pela decisão de coabitação (47,1%). Quando questionados sobre os recursos e forças dos seus relacionamentos, 75% dos participantes consideraram os valores comuns como o maior recurso, seguidos pelo amor e afeto (37,5%). A análise do ajustamento diádico mostrou altos níveis de consenso em questões religiosas, demonstração de afeto e tomada de decisões importantes. Não encontrámos uma influência significativa do tempo de relacionamento nem da idade dos participantes na satisfação conjugal e na satisfação com a vida.

Conclusão: Os resultados demonstram que as razões pelas quais as pessoas não têm filhos são diversas e geralmente relacionadas a desejos ou preferências de estilo de vida que ainda não

foram alcançados. Valores comuns e amor são vistos como principais recursos de força, enquanto rituais e coabitação são eventos importantes na trajetória desenvolvimental dos casais sem filhos. A satisfação conjugal e com a vida são elevadas nestes casais e a duração do relacionamento não teve um impacto significativo nestas variáveis, sugerindo que os fatores individuais e contextuais podem ser mais importantes. Ao interpretar os resultados e planear futuras pesquisas, fatores como o tamanho da amostra e o tipo de dados autodeclarados devem ser levados em consideração.

Palavras-chave: Ciclo vital do casal, Perspetiva desenvolvimental, Casais sem filhos, Satisfação conjugal, Satisfação com a vida, Tempo de relação

Abstract

Objectives: The main objective of this study was to contribute to knowledge about the functioning of childless couples, regardless of the underlying reasons, and how these couples evolve over time and the strengths they identify in themselves. Specifically, the aim was to identify crises and changes perceived as important in the development of these relationships, to analyze the reasons why people don't have children and to examine marital satisfaction and satisfaction with life, depending on the duration of the relationship and the stage of the couple's life cycle in which each person finds themselves.

Methodology: This is a quantitative, cross-sectional study.
A total of 104 subjects aged between 20 and 58 took part in the study.
years old. The data was collected using a questionnaire on Google Forms, which contained open and closed answers. The instruments used were a sociodemographic questionnaire, the Revised Dyadic Adjustment Scale (Pereira et al., 2010) and the Life Satisfaction Scale (Baptista, 2011).

Results: The results revealed that the majority of participants (48.1%) wish to have children but have not yet been able to fulfill this wish, while 18.1% have chosen not to have children in order to maintain personal freedom. With regard to the most significant moments in the trajectory of their relationships, the most frequently mentioned events were rituals such as dating and marriage proposals (53.8%), followed by the decision to cohabit (47.1%).
When asked about the resources and strengths of their relationships, 75% of the participants considered common values to be the greatest resource, followed by love and affection (37.5%). The analysis of dyadic adjustment showed high levels of consensus on religious issues, showing affection and making important decisions. We found no significant influence of length of relationship or age of participants on marital satisfaction and life satisfaction.

Conclusion: The results show that the reasons why people do not have children are diverse and generally related to desires or lifestyle preferences that have not yet been achieved. Common values and love are seen as the main resources of strength, while rituals and cohabitation are important events in the developmental trajectory of childless couples. Marital

and life satisfaction are high in these couples and the length of the relationship did not have a significant impact on these variables, suggesting that individual and contextual factors may be more important. When interpreting the results and planning future research, factors such as sample size and the type of self-reported data should be taken into consideration.

Keywords: Couple life cycle, Developmental perspective, Childless couples, Marital satisfaction, Satisfaction with life, Length of relationship

Índice

Resumo ***5***

Abstract ***7***

1. Introdução ***10***

2. Metodologia ***21***

2.1 Objetivos 21

2.2 Tipo de estudo 21

2.3 Participantes 21

2.4 Procedimentos 23

2.5 Instrumentos 24

2.6 Procedimentos de análise dos dados 29

1. Resultados ***30***

2. Discussão ***39***

3. Referências bibliográficas ***44***

4. Anexos ***47***

1. Introdução

Existe uma ideia comumente aceite de que a família emerge a partir do momento em que há o nascimento do primeiro filho, ideia esta que ainda continua muito presente nos dias de hoje, na nossa sociedade (Lourenço, 2012). Contudo, os conceitos de família e de casal têm vindo a sofrer diversas alterações ao longo do tempo. As famílias contemporâneas têm hoje distintas configurações, tais como: pessoa singular, nuclear tradicional, homoparental, monoparental, reconstituída, intercultural, sem filhos ou podem apresentar outras possibilidades configuracionais (Vailati, 2011).

Não só existiram alterações nas configurações familiares como também a ideia normativa de que ter filhos é imprescindível à vida familiar foi perdendo força. A ausência voluntária ou involuntária de filhos tem desafiado a sociedade e a comunidade científica a uma maior abertura e atenção específica aos casais sem filhos. A mudança social em torno dos papéis de género está também ligada a esta questão. Muitas mulheres deixam a maternidade de lado para crescer profissionalmente e assumem com crescente liberdade a escolha de não querer ter filhos. Por outro lado, os desafios da infertilidade, também associada ao adiamento no tempo da parentalidade, leva muitos casais a desistir após várias tentativas malsucedidas (Vailati, 2011).

Em termos estatísticos e sociodemográficos o número de casais sem filhos tem vindo a aumentar em Portugal nas últimas décadas. No ano de 2013, 938.923 dos casais não tiveram filhos enquanto em 2022 registamos um aumento: 1013.633 dos casais não tiveram filhos [WHO, 2023]. Contudo, existem poucos estudos que falem do funcionamento específico destes casais, das razões que presidem a esta decisão e do seu ciclo vital. É com este propósito que partimos para este estudo.

Diversos autores (Carmichael & Whittaker, 2007; Letherby, 2002; McAllister & Clarke, 1998) notaram que distinguir casais "voluntariamente sem filhos" dos "involuntariamente sem filhos" é uma tarefa muito mais complexa do que se poderia inicialmente supor. Há uma tendência para rotular os casais “involuntariamente sem filhos” como aqueles que os não conseguiram ter por questões médicas, e os casais “voluntariamente

sem filhos" com aqueles que embora os pudessem ter, não quiseram. Contudo Carmichael e Whittaker (2007) argumentam que esse pressuposto tende a uniformizar diferentes realidades, de facto a possibilidade de escolha nem sempre está presente. Estes autores afirmaram que não ter filhos pode ser uma questão de escolha e circunstâncias, incluindo encontrar um parceiro certo, compromissos profissionais e a decisão do outro parceiro. Assim, oferecem uma visão individualizada que leva em consideração as opções do indivíduo e as suas circunstâncias. A partir dessa perspetiva, é possível pensar em uma situação em que um parceiro decide não ter filhos, enquanto o outro decide apenas aceitar a decisão tomada pelo parceiro (Frizzo & Silva, s.d).

A dicotomia presente nesses conceitos também foi discutida por McAllister e Clarke (1998). Quando se trata de pessoas sem filhos, esses autores dizem que existem várias categorias entre esses extremos: "(a) pessoas que, desde a adolescência têm a certeza de que não querem ter filhos; (b) pessoas que atingiram essa certeza em um momento posterior de suas vidas, mas que cogitaram a opção de ter filhos quando eram mais jovens; (c) aquelas que aceitaram não ter filhos em função de sua idade ou de diferentes acontecimentos presentes nos cursos de suas vidas; (d) as ambivalentes, ou seja, aquelas que nunca finalizaram uma decisão a esse respeito; (e) aquelas que tomam a decisão como pronta, ou seja, que não se percebem no comando desse processo e (f) aquelas que não têm filhos involuntariamente, isto é, que realmente queriam tê-los, mas não puderam em função de algum impedimento físico ou das próprias circunstâncias de vida" (Letherby, 2002, p.8).

Quando há evidências de que alguém tem um atributo que o torna diferente dos outros que pertencem a uma categoria em que ele pode ser incluído, ele deixa de ser considerado uma criatura comum e completa e é reduzido a uma pessoa estragada e diminuída, de acordo com Goffman (1975). Portanto, essa característica seria considerada um estigma e representa uma distinção entre a identidade social real e a identidade social virtual (Gomes & Rios, 2009). A escolha de não procriar, pode ser vista como uma característica desviante do que é socialmente esperado. É frequentemente interpretado como anormalidade, patologia, falta de saúde, egoísmo e falta de dever cívico em relação à necessidade de reposição da população, entre outras coisas, o que poderá afetar a qualidade de vida destas pessoas (Gomes & Rios, 2009).

Letherby (2002) aborda esse assunto, afirmando que a experiência da não-maternidade é tão complexa e variada quanto a da maternidade. Em contraste com as representações socialmente complexas de que as mulheres sem filhos são desesperadas (no

caso de infertilidade) ou egoístas (no caso de opção). No entanto, a autora observa que os discursos predominantes sobre maternidade e não-maternidade evoluíram: Ao contrário de outras épocas, é mais fácil expressar a dúvida sobre a experiência de ser mãe (Gomes & Rios, 2009).

Nos estudos académicos da área, a questão da pressão social e do preconceito enfrentados pelos indivíduos que optam por não ter filhos, cristalizada em estereótipos em relação às pessoas que optam por não ter filhos, parece ser extremamente relevante (Gomes & Rios, 2009).

Ambos os casais enfrentam desafios que são considerados únicos. Por um lado, porque há casais que não podem ter filhos e outros que tomam a decisão de não quererem ter filhos.

Falemos agora sobre os casais que não podem ter filhos. A infertilidade é definida como "Uma doença caracterizada pela incapacidade de estabelecer uma gravidez clínica após 12 meses de relações sexuais regulares e desprotegidas ou devido a uma deficiência da capacidade de reprodução de uma pessoa, quer como indivíduo quer com o seu parceiro", de acordo com o Glossário Internacional sobre Infertilidade e Cuidados de Fertilidade. Segundo Zegers-Hochschild et al., (2017) trata-se de uma condição médica que é estimada estar presente em 9 por cento das pessoas (Boivin et al., 2007). Uma em cada oito mulheres e um em cada dez homens podem ter problemas de fertilidade, de acordo com pesquisas recentes (Datta et al., 2016).

Ser confrontado com dificuldades em conceber pode ser considerado uma condição stressante porque impede a realização de objetivos de vida comuns e também porque as pessoas tendem a sentir uma sensação de perda de controle (Cousineau & Domar, 2007). Aqueles que procuram tratamento para infertilidade também enfrentam problemas adicionais, como autoinjecções diárias, exames médicos, recolha de ovócitos e transferência de embriões. Além disso, lidar com um diagnóstico de infertilidade e as obrigações relacionadas ao tratamento médico pode resultar em problemas psicológicos. Esses problemas podem variar de reações emocionais desfavoráveis temporárias a sintomas psicopatológicos mais graves (Verhaak et al., 2010).

As pessoas com problemas de fertilidade podem experimentar sentimentos de tristeza ou ansiedade, bem como pensamentos autorreferenciais negativos relacionados ao fato de não terem filhos involuntariamente. Estes pensamentos e emoções podem fazê-los evitar eventos

com crianças, como reuniões com amigos ou família. Além disso, as pessoas podem tentar evitar esses pensamentos e sentimentos, tentando eliminá-los. A repetição destas estratégias resultará em um reforço negativo dos pensamentos e sentimentos iniciais, resultando em uma variedade de efeitos desfavoráveis e de evitamento (Kanter et al., 2008). De facto, Cunha et al., (2016) verificaram que, quando comparadas com casais férteis e casais candidatos à adoção, as pessoas que lidam com a infertilidade apresentaram pontuações mais elevadas na inflexibilidade psicológica/evitamento experiencial. Embora este estudo tenha apresentado dados com o casal como unidade de análise, um estudo anterior também indicou que pessoas com diagnóstico de infertilidade apresentaram níveis mais baixos de flexibilidade psicológica quando comparadas com pessoas candidatas à adoção e pessoas presumivelmente férteis (com filhos) (Galhardo et al., 2011).

Como já referimos nem sempre não ter filhos deriva de uma impossibilidade biológica. Num estudo qualitativo do qual participaram 51 mulheres, 35 homens e 29 casais de diferentes configurações familiares – casados e solteiros, com e sem filhos – Carmichael e Whittaker (2007) investigaram as razões pelas quais as pessoas não tinham filhos. Os motivos desta escolha, regeram-se por: "(a) a manutenção do estilo de vida atual, marcado pela liberdade; (b) a rejeição do papel materno; (c) uma perceção de egoísmo, (d) a falta de desejo e (e) a manutenção da qualidade conjugal" (Frizzo & Silva, 2014).

Um estudo realizado por Park (2005), no qual participaram 14 mulheres e 9 homens que optaram por não ter filhos, responderam a entrevistas individuais e semiestruturadas. Este estudo veio validar alguns dos aspetos do estudo acima descrito. Foi mencionado ainda que o receio de comprometer a própria carreira e/ou atividades de lazer, o que reforça a ideia, que estes casais se preocupam com a manutenção de um estilo de vida que considerem satisfatório (Frizzo & Silva, 2014).

Além disso, tanto as mulheres como os homens referiram que, há certos traços da personalidade que poderiam comprometer o papel parental, tais como: ansiedade, perfecionismo, falta de paciência, introversão. Notou-se que os homens eram mais propensos a analisarem os custos e benefícios relacionados a esta escolha, do que as mulheres, contudo estas, mostram ser mais influenciadas pelos modelos parentais que viveram e que despertou ansiedade, medo ou desprezo pela experiência parental (Frizzo & Silva, 2014).

Um estudo realizado no Brasil sobre as representações de maternidade em mulheres que não são mães teve resultados parcialmente semelhantes (Patias & Buaes, 2012). Essas mulheres destacaram um fator importante na sua decisão de não ter filhos: a questão da impossibilidade de realizar projetos futuros em função da responsabilidade de cuidar de um filho. Zapiain (1996) propôs que ter uma criança significa incorporá-la no seu plano de vida e aceitar as mudanças ecológicas que um filho implica; alguns casais podem não ter isso em mente por várias razões (Frizzo & Silva, 2014).

Como sugerido por Carmichael e Whittaker (2007), a decisão de um casal sobre ter ou não filhos é uma decisão que geralmente diz respeito ao casal (Frizzo & Silva, 2014).

No que concerne como esta decisão pode afetar a conjugalidade, dois estudos examinaram a conjugalidade de casais sem filhos por opção (Mawson, 2005; Rios & Gomes, 2009), e mostraram algumas características que os cônjuges destacaram: igualdade entre eles, comprometimento com o parceiro, o apoio mútuo, oportunidade de dedicar seus afetos e compromissos exclusivamente um ao outro, o que torna o casamento uma prioridade, intimidade do casal e o compartilhamento de interesses e valores, que favorece a construção de uma identidade conjunta (Frizzo & Silva, 2014).

Outro aspeto investigado, refere-se à comparação de relacionamentos de casais sem filhos com aqueles que têm ou desejam ter. Um estudo de Somers (1993), onde participaram 74 pessoas "voluntariamente sem filhos" e 127 pessoas com filhos, responderam à Escala de Ajustamento Diádico, Escala de Satisfação de vida e à tomada de decisão e perceção de estereótipos. Comparados àqueles com filhos, as pessoas sem filhos apresentaram maiores índices de ajustamento conjugal, coesão e satisfação diádica, embora essas diferenças não tenham se mostrado significativas quando se controlou os termos "renda" e "religiosidade". De acordo com a autora, existem diferenças ao nível da coesão, pelo facto de que os casais sem filhos se focalizam apenas em si, enquanto que os casais com filhos, acabaram por gastar mais energia e tempo nos filhos, visto que estes se tornam a prioridade (Frizzo & Silva, 2014).

Umberson et al., (2010) realizaram uma revisão de estudos que comparou casais em diferentes estágios do ciclo vital, com e sem filhos. De uma forma geral, casais jovens adultos sem filhos apresentavam melhores índices de bem-estar comparativamente aos casais com filhos. Contudo, a ausência de filhos para casais inférteis, representava uma enorme fonte de stress. A falta de filhos na meia-idade não foi associada a piores níveis de bem-estar

psicológico, e as mulheres que tiveram filhos mais cedo foram as mais vulneráveis em termos de condições socioeconômicas e dissolução do casamento. O status conjugal e o género parecem ser questões cruciais a serem levadas em consideração no que diz respeito à ausência de filhos na velhice. Homens sem filhos que não tinham parceira ou que não contavam com a sua presença eram mais propensos à depressão, segundo alguns dos estudos realizados por esses autores (Frizzo & Silva, 2014).

No entanto, no que diz respeito ao bem-estar social, homens que não tinham filhos ou não viviam com eles relataram piores relacionamentos familiares e menor tendência a se envolverem com assuntos da comunidade. Esses homens vivem mais sozinhos e não costumam pedir ajuda à família em momentos difíceis. Os autores chamam a atenção para o fato de que, ao envelhecer, homens sem esposa e filhos tendem a não encontrar pessoas dispostas a cuidar deles em uma situação de doença em suas redes de apoio social, aumentando a probabilidade de terem que recorrer a serviços de assistência oficial (Frizzo & Silva, 2014).

Ao se analisar os resultados dos diversos estudos, duas coisas importantes a ter em consideração será o facto que, maior parte deles não distingue casais "voluntariamente sem filhos" de casais "involuntariamente sem filhos". Isso pode estar relacionado, a estudos sobre envelhecimento, em que a liberdade de escolher não ter filhos diminuía quando essas pessoas estavam em sua idade reprodutiva (Dykstra & Hagestad, 2007). No entanto, as várias circunstâncias que impedem que esses casais tenham filhos afetam a maneira como eles a vivem, tornando esse grupo extremamente heterogêneo (Frizzo & Silva, 2014).

Ainda sobre a satisfação conjugal, sabemos que ter ou não ter filhos não é a única variável que a impacta. Nos anos 70, começou-se a dar mais ênfase a variáveis como a resolução de conflitos, afeto e comunicação dentro da relação conjugal, o que impulsionou estudos sobre casamentos felizes e satisfação conjugal. Atualmente, a satisfação conjugal é avaliada com base na perceção individual de cada membro do casal sobre a qualidade do casamento (Neto & Féres-Carneiro, 2010; Narcico & Ribeiro, 2009).

Diversos estudos têm investigado a satisfação conjugal, focando-se em variáveis como perceções sobre a relação e o parceiro, eventos de vida stressantes, comunicação e amor. Estes estudos podem ser categorizados em duas perspetivas temporais: aqueles que analisam o constructo numa fase específica do casamento e aqueles que comparam grupos com diferentes durações de casamento (Vilas, 2015).

Norgren et al., (2004) descobriram que casais com mais de 20 anos de casamento exibem maior satisfação conjugal, influenciados por fatores como proximidade, coesão, prática religiosa, estratégias adequadas de resolução de problemas, boas capacidades de comunicação e situação financeira favorável. Outros estudos (Roizblatt et al., 1999; Sharlin, 1996; Goodman, 1999) destacam o amor e a intimidade como cruciais para a satisfação em casamentos de longa duração. VanLaningham et al., (2001) observaram um declínio gradual ou estabilização da felicidade conjugal ao longo de 38 anos de casamento (Vilas, 2015).

Contudo, os resultados variam. Olson (1983) propôs uma curva em forma de U para a satisfação conjugal ao longo do ciclo vital, com aumentos antes do nascimento do primeiro filho e na fase do ninho vazio, e diminuições durante a criação dos filhos. Jose & Alfons (2007) apoiam esta visão, notando menor satisfação nas etapas intermédias do casamento e aumentos após 30 anos. Orbuch et al. (1996) observaram que a satisfação diminui nos primeiros 20 anos, aumentando após 25 anos (Vilas, 2015).

Por outro lado, Lourenço (2006) identificou diminuições significativas na satisfação entre os 8 e 10 anos de casamento e em casamentos com mais de 20 anos, com aumentos entre os 11 e 19 anos. Teves (2008) não encontrou o padrão em forma de U, observando declínios contínuos mesmo quando se esperavam aumentos (Vilas, 2015).

A pesquisa nesta área enfrenta desafios devido à subjetividade dos dados, que dependem fortemente das perceções individuais. Enquanto alguns estudos indicam aumentos na satisfação nas fases finais do casamento, estudos mais recentes sugerem declínios (Vilas, 2015).

Perspetiva desenvolvimental das famílias sem filhos

A família é um sistema complexo que se organiza em torno de crenças, valores e práticas, adaptando-se às mudanças sociais para garantir a sobrevivência dos seus membros e a continuidade da instituição, segundo Minuchin (1988). Esta adaptação ocorre em resposta às pressões internas e externas, promovendo o crescimento psicossocial dos indivíduos. No contexto familiar, aprendem-se aptidões fundamentais, como a comunicação, relações interpessoais e o desenvolvimento de afetos.

A perspetiva sistémica entende a família como um conjunto interligado de elementos que interagem continuamente com o exterior, mantendo o equilíbrio ao longo de diversas fases de desenvolvimento (Sampaio, 2000 & Gameiro, 1985). Gameiro (1992) destaca a complexidade das relações familiares, sublinhando que os comportamentos e os sentimentos observados no seio familiar não podem ser entendidos de forma isolada, mas sim como uma rede de emoções que confere união e pertença (Relvas, 1996).

Para manter o equilíbrio ao longo do tempo, a família atravessa várias etapas de desenvolvimento, conhecidas como o Ciclo Vital da Família, que inclui tarefas interligadas a normas sociais e às características individuais dos seus membros (Relvas, 1996). Segundo Ausloos (2006) e Lourenço (2012), este ciclo é caracterizado por uma evolução contínua, com transformações previsíveis que marcam a trajetória da família em termos de estrutura e organização.

A sequência previsível de mudanças na organização dessa instituição social é denominada de ciclo vital ou ciclo evolutivo da família. As tarefas definidas marcam as etapas desse caminho. Por outras palavras, o ciclo de vida familiar descreve a sequência de momentos que caracterizam o funcionamento de uma unidade de vida familiar, desde o início até à sua dissolução (Cuisener, 1977). As categorizações do ciclo vital da família variam muito de autor para autor, o número e "marcadores" das etapas. No entanto, para a maioria dos estudiosos, o casamento é o ponto em que o ciclo vital da família começa, não importa se o casamento é oficial ou não. Este é o primeiro indicador, a sinalização do nascimento de uma nova família nuclear, que tem características, padrões transacionais únicos (Lourenço, 2006).

Desde 1948, ano em que Hill e Duval apresentaram o conceito de ciclo vital da família, este tem sido um tema pouco explorado, contudo o interesse teórico e clínico do

conceito é inegável, uma vez que descreve como na vida de uma família, existem momentos de crise e mudanças significativas que resultam em níveis mais ou menos elevados de *stress* (Lourenço, 2006). A crise está intimamente ligada ao conceito de ciclo vital ou ciclo evolutivo do casal, como o da família. As crises indicam o fim de uma etapa do ciclo e o início de outra, exigindo a "mudança de tipo 2" de Watzlawick & Weakland (1975), uma mudança no nível de funcionamento de um sistema, ou seja, uma mudança na regra de funcionamento.

Em 1996, Relvas propôs a seguinte classificação de ciclo vital da família: 1º etapa – Formação do casal; 2º etapa- família com filhos pequenos; 3º etapa- família com filhos na escola; 4º etapa- família com filhos adolescentes; 5º etapa- família com filhos adultos-ninho vazio.

Os modelos de Ciclo Vital Familiar (CVF) evoluíram ao longo do tempo e podem ser divididos em três eras: fundação, expansão e refinamento. A era de fundação começou com modelos como o de Sorokin e colegas em 1931, que propunham quatro fases baseadas na constelação familiar. Durante a era de expansão, os modelos aumentaram em número de fases e detalhes, como o de Paul Glick em 1942, que propôs sete fases usando dados de censos (Martins, 2018).

Autores como Duvall e Hill relacionaram o CVF às tarefas desenvolvimentais de cada fase, baseando-se em fatores como o número de pessoas na família e a idade do filho mais velho. No entanto, esses modelos lineares e unidirecionais foram criticados por sua limitação em explicar outras formas de família, como as adotivas ou reconstituídas. A psiquiatra Lee Combrinck-Graham sugeriu uma visão alternativa, observando o desenvolvimento familiar em uma espiral (Martins, 2018).

Com o tempo, novos tipos de famílias e mudanças culturais desafiaram os modelos tradicionais, levando a sugestões de alternativas que consideram a complexidade das famílias contemporâneas, como monoparentais e homossexuais. Essas mudanças exigem novos marcadores para definir as fases do CVF, refletindo as diversas realidades familiares atuais (Martins, 2018), entre elas o crescente número de famílias sem filhos.

Faz sentido que também no desenvolvimento de um casal existam regularidades ao longo do tempo para além das singularidades de cada relação conjugal (Elkaim, 1985), e para as quais fomos alertados pelo trabalho de DeFranck-Lynch (Lourenço, 2006).

Sabemos que conceptualizar a vida conjugal utilizando a ideia antiga dos estágios do ciclo vital é uma simplificação excessiva. No entanto, tem um valor heurístico significativo, que é muito útil (para teóricos e clínicos) porque permite uma avaliação mais profunda e uma intervenção e investigação mais orientadas. Não esqueçamos que os sintomas são mais comuns durante as fases de transição entre duas etapas do ciclo evolutivo de um sistema. Crises são oportunidades, mas também são eminência de risco; são potências de desordem e incerteza, espaços de indeterminação (Lourenço, 2006).

O ciclo vital do casal, tal como o da família, tem o seu próprio processo desenvolvimental, evoluindo através de transformações a diversos níveis. Estas etapas mostram os principais movimentos do casal ao longo do tempo: a complexidade, a paradoxalidade e a constante redescoberta caracterizam este ciclo (Relvas, 1996).

Numa tentativa de descrever este processo, DeFranck-Lynch, em 1985, propôs três etapas principais:

A **primeira etapa** de uma relação conjugal, conhecida como fase de fusão, abrange os primeiros 10 anos e visa integrar os indivíduos em um "nós". Nos primeiros três anos, há uma maior união, mas também conflitos e incertezas. Entre os quatro e sete anos, o casal começa a abrir-se mais para o exterior, focando em aspetos como carreira e parentalidade. Após sete anos, a fusão se consolida, com a resolução de questões de poder e o estabelecimento de complementaridade e simetria na relação (Vilas, 2015).

A **segunda etapa** de uma relação conjugal, chamada fase de autonomia, ocorre entre 10 e 20 anos de casamento. Neste período, o "eu" e o "tu" ganham destaque novamente, levando a conflitos relacionados a decisões, rotinas e aborrecimentos, muitas vezes ligados à ansiedade. As divergências e complementaridades do parceiro são frequentemente vistas como defeitos, o que pode gerar a vontade de separação. Esta fase também é caracterizada por um maior foco na autonomia e individualidade de cada parceiro (Vilas, 2015).

Por fim, **a terceira etapa** conjugal, chamada fase de empatia, ocorre após 20 anos de casamento. Nesta fase, os parceiros tornam-se mais independentes e autônomos, alcançando uma relação mais livre. Eles aceitam as imperfeições e fraquezas um do outro e valorizam as diferenças. A relação é estável e viável, mas surgem novos desafios, como a reforma, netos, ameaça de separação e morte (Vilas, 2015).

Embora esta classificação não esteja isenta de críticas, tem a vantagem de descrever processos desenvolvimentais do casal, independentemente de terem ou não filhos.

Tendo refletido até aqui sobre a necessidade de aprofundar a investigação em torno do funcionamento e satisfação dos casais sem filhos, descreveremos de seguida a metodologia utilizada neste trabalho.

2. Metodologia

2.1 Objetivos

O objetivo geral da presente investigação consiste em contribuir para o conhecimento do funcionamento dos casais sem filhos, independentemente das razões subjacentes, e de que forma esses casais evoluem ao longo do tempo, quais as crises e/ou mudanças que percecionam como marcantes nesse desenvolvimento e em função do tempo da relação se se apresentam mais ou menos satisfeitos com a sua conjugalidade e com a vida em geral.

Numa forma ainda exploratória pretendemos conhecer as perspetivas de pessoas atualmente num relacionamento de casal, sem filhos desse relacionamento. São objetivos específicos deste estudo, os seguintes

1. Perceber como as pessoas olham em retrospetiva para a sua evolução enquanto casal, identificando possíveis marcos desenvolvimentais específicos à sua trajetória desenvolvimental e forças do relacionamento;
2. Analisar as razões subjacentes ao facto de não terem filhos;
3. Analisar a satisfação conjugal e a satisfação com a vida em função da duração da relação e da etapa do ciclo vital do casal em que as pessoas se encontram.

2.2 Tipo de estudo

A presente investigação consiste num estudo quantitativo transversal, ou seja, baseia-se na recolha de dados num determinado momento, de forma a investigar a presença de um comportamento ou característica de uma população (Opinion Box, 2023). É de realçar que duas das perguntas do questionário aplicado prestaram-se a uma análise qualitativa do seu conteúdo, de forma a perceber quais os temas mais frequentemente identificados.

2.3 Participantes

Tendo em conta a consideração das variáveis gerais, tal como se pode constatar na Tabela 1, a amostra é constituída maioritariamente por participantes do sexo feminino (75%) comparativamente com o número de participantes do sexo masculino (25%) com idades compreendidas entre os 20 e os 58 anos, com uma maior prevalência nas faixas etárias entre os

20-30 anos (55,8%), a segunda faixa etária com mais prevalência é a dos 31-40 anos. A faixa etária dos 51-60 anos foi a menos representada, com apenas 2,9%,

Trata-se de uma população predominantemente urbana (75%) e só 25% dos participantes referiram viver num meio rural. Acerca da escolaridade, 32 participantes (30,8%) possuem como habilitações literárias uma literacia abaixo do secundário e 72 acima do secundário (69,2%). Ao questionar sobre a situação profissional, foi possível constatar que a maioria dos participantes se encontra empregada (82,7%), enquanto 11 participantes se encontram a estudar (10,6%) e apenas 7 desempregados (6,7%).

Tabela 1.
Caracterização sociodemográfica da amostra (N=104)

Variáveis	**Categorias**	***n***	**%**
Sexo	Masculino	26	25
	Feminino	78	75
	Outro	N/A	N/A
Idade	20-30	58	55,8
	31-40	33	31,7
	41-50	10	9,6
	51-60	3	2,6
Meio de Residência	Rural	78	75
	Urbano	26	25
Nível de escolaridade	Acima Secundário	72	69,2
	Abaixo Secundário	32	30,8
Situação Profissional	Empregado(a)	86	82,7
	Estudante	11	10,6
	Desempregado(a)	7	6
	Reformado(a)	N/A	N/A

Nota: *n = nº de sujeitos da amostra, % = percentagem, N/A – Não Aplicável*

Considerando as características relacionais da amostra, observamos que a maioria dos sujeitos se encontra solteira (49%). Além disso, podemos observar que a distribuição da amostra segundo o ciclo vital do casal se encontra principalmente nas fases de 1-5anos (47,1%) e de 5-15 anos (39,4%) e com uma percentagem mais reduzida de +15 anos (13,5%).

Em relação ao existir filhos de outra relação, apenas 4 sujeitos (3,8%) referiram que tinham comparativamente a 100 sujeitos (96,2%), que declararam não ter.

No que concerne à orientação sexual, a maioria dos nossos sujeitos são heterossexuais (85,6%).

Tabela 2.
Caracterização da amostra dos participantes

Variáveis	Categorias	*n*	%
Estado Civil	Solteiro(a)	51	49
	União de Facto	28	26,9
	Casado(a)	24	23,1
	Recasado(a)	1	1
	Divorciado(a)	N/A	N/A
	Viúvo(a)	N/A	N/A
Orientação Sexual	Heterossexual	86	82
	Bissexual	9	6
	Homossexual	6	5,8
	Assexual	N/A	N/A
	Pansexual	N/A	N/A
Filhos de Outra Relação	Não	100	96,2
	Sim	4	3,8
Duração da Relação	1-5 anos	49	47,1
	5-15 anos	41	39,4
	+15 anos	14	13,5

Nota: *n = nº de sujeitos da amostra, % = percentagem, N/A – Não Aplicável*

2.4 Procedimentos

Para a realização deste estudo foi necessário realizar uma recolha de dados, que se iniciou a 15 de fevereiro de 2024 e findou a 30 de abril do mesmo ano. Para este fim, recorremos ao *Google Forms*, com um questionário online. De forma a conseguir obter o máximo de respostas possíveis recorremos às redes sociais, como o *Instagram* e *Facebook*, bem como a partilha em grupos específicos de psicologia e organizações profissionais ligadas à psicologia.

O tipo de amostragem é de conveniência – não aleatória, uma vez que a amostra foi recolhida e selecionada de acordo com os objetivos pretendidos e numa fase posterior devidamente analisada (Guimarães, 2012).

Para a realização dos questionários, foi necessário obter o Parecer da Comissão de Ética (Anexo 1) e o consentimento informado junto dos participantes do estudo. Este

consentimento esclarece os objetivos do estudo, os requisitos de participação e o processo de tratamento anónimo e confidencial dos dados coletados, conforme exigido pelas normas da Ordem dos Psicólogos Portugueses e pela Declaração de Helsínquia (Anexo 2).

2.5 Instrumentos

Os autores principais do projeto foram responsáveis pela escolha dos instrumentos do protocolo de investigação. São eles: um questionário sociodemográfico para caracterizar uma amostra de casais sem filhos, a Escala de Ajustamento Diádico Revisto (Pereira et al., 2017), e a Escala de Satisfação com a Vida (Diener et al., 1985).

Questionário de dados sociodemográficos:

Trata-se de um questionário destinado a coletar informações sociodemográficas variadas. Trata de assuntos relacionados à vida conjugal e familiar do indivíduo, que são relevantes para o objeto da pesquisa. Este instrumento recolhe informações sobre a idade, género, orientação sexual, meio de residência, habilitações literárias, situação profissional, estado civil.

Além disso, leva em consideração informações de âmbito mais marcadamente relacional como, duração da relação atual, se existem filhos de relações prévias, razões para não terem filhos na relação atual e por fim, uma linha da vida onde foi pedido aos participantes para identificar os eventos de vida mais importantes que marcaram a história da relação (Anexo 3).

A Escala de Ajustamento Diádico Revista (EAD-R):

A Escala de Ajustamento Diádico (EAD), é um instrumento traduzido, validado e adaptado para a população portuguesa por Gomes e Leal (2008), baseada na *Dyadic Adjustament Scale* (DAS), desenvolvida nos Estados unidos, por Spanier em 1976, com o objetivo de introduzir uma escala com propriedades psicométricas fortes e com aplicabilidade ampla para avaliar as perceções dos casais sobre os seus relacionamentos afetivos (Kazak et al., 1988 citado por Fernandes, 2017), (Anexo 4).

Desde então, esta escala é considerada a mais popular de avaliação ao nível conjugal (Gomez e Leal, 2008; Hernandez, 2008; Kazak et al., 1988; Montesino et al., 2013; Scorsolini-Comin e Santos, 2011; Scorsolini-Comin e Santos, 2012; Spanier, 1988 citado por Fernandes, 2017).

A ideia principal da construção da EAD-DAS de Spanier (1976) era melhorar as medidas de ajustamento diádico incorporando conceitos nominais, como determinações operativas e sua mensuração. Além disso, foi considerada pioneira por incluir em seu estudo casais que não dependiam do modelo social ou legal de formalização da relação (Hermandez, 2008).

Após várias correções e ajustes, esta escala é composta por 32 itens subdivididos por 4 fatores, que segundo Spanier (1976), abrangem o ajustamento diádico: 1) consenso diádico, que avalia a perceção individual de aspetos sobre o relacionamento e o nível de concordância do casal sobre uma diversidade de questões básicas da relação, como por exemplo: questões financeiras, afeto, amizades, filosofias de vida, objetivos e questões importantes, entre outras; 2) satisfação diádica, que verifica a perceção das questões no que concerne ao bem-estar do casal, relativamente a questões como: termino definitivo ou temporário da relação, saída de casa após uma discussão, discussão sobre divórcio, confiança no parceiro/a, frequência e intensidade das discussões, etc. ; 3) coesão diádica, examina o nível de partilha emocional do casal, isto é, procura analisar as perceções referentes ao alinhamento mútuo desde o beijo, comprometimento mútuo fora do ambiente doméstico, discussão de forma tranquila, estimulação de ideias e trabalho em conjunto num projeto e 4) expressão de afeto, que mede a perceção da harmonia entre o casal, sobre as manifestações de amor e também das relações sexuais, ou seja, presenças/procuras e/ou ausências/recusas. Gomes e Leal (2008) descobriram um quinto fator: o nível de satisfação diádica. Este indica o nível de felicidade do casal na relação e seus sentimentos sobre o futuro, como a disponibilidade e os meios usados para manter ou desistir da relação (Sebastião, 2020).

Para a realização da devida análise estatística, usamos a versão Portuguesa realizada por Pereira, Ramos, Narciso, Canavarro (2010), tendo por base um artigo não publicado em que nos foi cedido o instrumento e a respetiva escala de cotação, com o intuito de avaliar as perceções dos casais sobre os seus relacionamentos afetivos.

Para iniciar o tratamento estatístico, numa fase inicial foi considerado pertinente analisar a consistência interna dos instrumentos que utilizamos, tendo em conta a amostra recolhida. Dessa amostra recolhemos um *Alpha de Cronbach* para a Escala de Ajustamento Diádico Revisto de valor de 0,579 indicando uma consistência adequada (Pereira, 2010).

Tabela 3.
Confiabilidade da Escala EAD-R

Variáveis	α	Mín.	Máx.
EAD-R	0,579	1,317	4,548

Nota. N= 104; **α =** *Alfa de Cronbach*;

Na tabela 4 procuramos fazer a correlação entre itens da Escala de Ajustamento Diádico.

Tabela 4.
Matriz de Correlação de Itens

Variáveis	Consenso	Satisfação	Coesão
Consenso	1	0,355	-0,010
Satisfação	0,355	1	0,200
Coesão	-0,010	0,200	1

Conforme a tabela acima descrita podemos observar que: a correlação entre **Consenso** e **Satisfação** é moderada e positiva ($r = 0.355$, $p < 0.001$), sugerindo que um maior nível de acordo entre os parceiros está relacionado com o aumento da satisfação. Por outro lado, a correlação entre **Consenso** e **Coesão** não é significativa ($r = -0.010$, $p = 0.917$), sugerindo que a variação no consenso não se relaciona com a variação na coesão nesta amostra. Além disso, a correlação entre **Satisfação** e **Coesão** é fraca, mas significativa ($r = 0.200$, $p = 0.041$), indicando que casais com maior coesão tendem a reportar níveis ligeiramente mais altos de satisfação.

Escala da Satisfação Com a Vida

A Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) (Anexo 5), foi criada e validada por Diener, Emmons, Larsen e Griffin (1985) e traduzida por Baptista (2011). Esta escala tem como objetivo avaliar o juízo subjetivo que cada sujeito faz sobre a qualidade da própria vida, de maneira positiva ou negativa como as pessoas experienciam a vida, tendo em conta os critérios que eles próprios estabeleceram e não os critérios do investigador. Assim, o sujeito tem a liberdade de concluir e avaliar todos os aspetos da sua vida em geral da maneira que quiser. Os adultos de todos os níveis etários e de diversos níveis culturais podem usar o SWLS, um instrumento breve, fácil de usar, aplicar e cotar. A escala originalmente continha 48 itens, mas foi reduzida para 5 itens por demonstrar boas propriedades psicométricas, principalmente em termos de consistência interna e confiabilidade temporal (Cardiga, 2016).

Pavot & Diener (2003) conferiram e concluíram que é uma medida confiável da dimensão cognitiva. É aplicável a vários contextos de pesquisa e pode ser traduzido facilmente para várias línguas (Cardiga, 2016).

Neto et al. (1990) validou a Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) pela primeira vez para a população portuguesa, baseando-se na versão original de Diener et al. (1985), (Cardiga, 2016).

Simões (1992) fez mais uma validação da SWLS e corrigiu alguns aspetos da tradução. Isso foi feito para tornar o conteúdo mais compreensível para pessoas com nível educacional baixo, reduzindo o número de alternativas de resposta para cinco e simplificando o preenchimento da escala. O autor modificou o instrumento, reduzindo o número de respostas de sete para cinco: (1) não concordo nem discordo; (2) discordo um pouco; (3) concordo um pouco; (4) concordo muito.

Tabela 5.
Confiabilidade da Escala SWLS

Variáveis	α	Mín.	Máx.
SWLS	0,860	4,663	5,317

Nota. N= 104; **α =** Alfa de Cronbach;

O *Alpha de Cronbach* apresentado (0.860) indicando uma alta consistência dentro do grupo e uma consistência adequada (Pereira, 2010)

No que diz respeito às estatísticas de item, a questão SWLS1 ("Muitos aspetos da minha vida estão próximos do ideal") apresentou uma média (M) de 5,12 e um desvio padrão (DP) de 1,279, com uma amostra de 104 participantes. Na questão SWLS2 ("As minhas condições de vida são excelentes"), os resultados indicaram uma média de 4,98 e um desvio padrão de 1,329 (N=104). A questão SWLS3 ("Estou satisfeito com a minha vida") revelou uma média de 5,32 e um desvio padrão de 1,302 (N=104). Para a questão SWLS4 ("Tenho alcançado coisas importantes"), a média foi de 5,29 e o desvio padrão foi de 1,377 (N=104). Finalmente, a questão SWLS5 ("Se pudesse viver de novo, não mudaria nada") obteve uma média de 4,66 e um desvio padrão de 1,716 (N=104)

Tabela 6.
Matriz de Correlações entre Itens

Variável	SWLS1	SWLS2	SWLS3	SWLS4	SWLS5
SWLS1	1,000	0,704	0,771	0,644	0,363
SWLS2	0,704	1,000	0,716	0,523	0,227
SWLS3	0,711	0,716	1,000	0,826	0,483
SWLS4	0,664	0,523	0,826	1,000	0,530
SWLS5	0,363	0,227	0,483	0,530	1,000

A tabela apresenta a matriz de correlações entre os itens da escala SWLS. Os valores na diagonal principal (1,000) indicam a correlação perfeita de cada item consigo mesmo.

A questão SWLS1 apresenta uma correlação forte com SWLS2 (0,704) e SWLS3 (0,771), enquanto a correlação com SWLS4 é moderada (0,644) e com SWLS5 é mais fraca (0,363). Referente à questão SWLS2 mostra uma correlação elevada com SWLS3 (0,716) e uma correlação moderada com SWLS4 (0,523), sendo a correlação com SWLS5 a mais baixa

(0,227), e a questão SWLS3 está fortemente correlacionado com SWLS4 (0,826) e moderadamente com SWLS5 (0,483).

Por fim, a questão SWLS4 tem uma correlação alta com SWLS3 (0,826) e uma correlação moderada com SWLS5 (0,530) e a questão SWLS5 apresenta as correlações mais baixas em relação aos demais itens, variando entre 0,227 e 0,530.

A matriz indica que a maioria dos itens da escala apresenta correlações moderadas a fortes entre si. No entanto, o item SWLS5 exibe correlações mais baixas, o que pode indicar uma menor conexão com os demais itens ou que ele esteja medindo um aspeto diferente dos outros itens da escala.

2.6 Procedimentos de análise dos dados

Após a recolha dos dados, foi feita a base de dados e o tratamento estatístico usando o programa *IBM SPSS Estatistic* Versão 29 for MacOs.

De forma a analisar a Normalidade e Homogeneidade da amostra (104 participantes) foram realizados os testes de normalidade *Shapiro-Wilk* e *Kolmogorov-Smirnov*, que refletiram uma distribuição normal.

Uma vez que estavam reunidos os pressupostos de normalidade e homogeneidade e que tínhamos uma amostra com um n maior de 100, decidimos usar testes paramétricos (Silva, 2020, p. 45) Para avaliar a correlação entre variáveis escolhemos o *Pearson* e para comparar amostras a análise de variância (ANOVA) da amostra.

Na análise dos dados foram usadas também estatísticas descritivas (frequências e percentagens), que respondiam aos objectivos elencados

Duas das perguntas do nosso questionário eram abertas. Para uma melhor análise do conteúdo destas respostas procedemos a uma análise qualitativa que resultou no caso da pergunta “quais os eventos de vida que considera mais marcantes ao longo da relação”, em duas categorias temáticas principais: os eventos normativos e os eventos acidentais (Anexo 4). No caso da pergunta “quais as principais forças ou recursos que identifica na sua relação atual” em 35 respostas mais comuns, organizadas segundo o seu conteúdo.

1. Resultados

3.1 Razões para não ter filhos na atual relação

Procuramos identificar as razões subjacentes à ausência de filhos nas relações atuais dos participantes.

Tabela 7.
"Quais as razões para não ter filhos na sua atual relação"

	n	%
Desejo ter filhos, mas ainda não se concretizou	50	48,1
Por opção de estilo de vida, desejo manter a minha liberdade	19	10,6
Porque quero manter a minha relação tal como ela está	9	8,7
Não tenho filhos devido a acontecimentos ao longo da minha vida (ex: trabalho, ausência de uma relação estável, etc.)	6	5,8
Nunca senti esse desejo	6	5,8
Senti esse desejo, mas a partir de determinada altura tive a certeza que não queria ter filhos	6	5,8
Impossibilidade por razões de saúde (ex: diagnostico de infertilidade)	6	5,8
Nunca me decidi a 100% e deixei o tempo passar	6	5,8
Não me revejo, em termos de identidade, no papel materno/paterno	4	3,8
A certa altura tomei a decisão de não ter filhos e fiz um procedimento médico para tal (ex: vasectomia, laqueação de trompas)	1	1.0
Não tenho filhos porque já não me encontro em idade fértil	1	1.0
Desejo ter filhos, mas o meu/minha companheiro/a não quer	1	1.0

Nota. n = nº de sujeitos da amostra, % = percentagem

Conforme ilustrado na Tabela 7, as respostas revelaram uma diversidade de motivos que explicam essa condição. Foram registadas 85 respostas e 19 valores omissos, (M=22,59; DP=0,791).

A razão mais frequente, reportada por 48,1% dos participantes, foi o desejo de ter filhos que ainda não se concretizou. Este dado sugere que, para uma parcela significativa da amostra, a ausência de filhos não é definitiva, mas sim uma situação temporária.

Por outro lado, 18,3% dos respondentes indicaram que a decisão de não ter filhos está relacionada com a opção de manter a liberdade pessoal, refletindo uma escolha consciente de estilo de vida. Uma pequena parcela (8,7%) relatou que a decisão de não ter filhos é motivada pela vontade de manter a relação conjugal tal como está, sem alterações que a parentalidade poderia trazer.

Outros motivos, cada um representando 5,8% das respostas, incluem a ausência de filhos devido a acontecimentos ao longo da vida (por exemplo, trabalho ou ausência de uma relação estável), a falta de desejo inicial de ter filhos, a certeza adquirida posteriormente de que não se deseja ter filhos, impossibilidade por razões de saúde, ou ainda, a procrastinação, onde o indivíduo nunca se decidiu completamente e acabou deixando o tempo passar.

Algumas razões menos citadas incluem a falta de identificação com o papel parental (3,8%), a decisão consciente seguida por um procedimento médico para evitar filhos (1,0%), a perda da fertilidade devido à idade (1,0%), e o desejo de ter filhos contrariado pela recusa do parceiro (1,0%).

3.2 Eventos de vida considerados mais importantes ou marcantes na trajetória da vida de casal

A análise dos momentos e eventos marcantes ao longo da trajetória desenvolvimental dos casais revelou uma variedade de experiências significativas, que contribuíram para moldar a dinâmica e a evolução das relações. Procurámos categorizar as respostas dadas pelos participantes em categorias temáticas e quantificar o número de pessoas que referiam cada uma delas.

Tabela 8.
Eventos Normativos e eventos Acidentais

	Categorias temáticas	n	%	Exemplos em Discurso direto pelos participantes
Eventos Normativos	Rituais	56	53,8	*"Casamento/Pedido de Noivado"; "Natal, Passagem de ano, aniversário de namoro"; "Inicio de relação/ Assumir a relação"*
	(Co)habitação	49	47,1	*"Comprar casa"; "Coabitar"*
	Lazer	20	19,2	*"Viajar juntos"; "Lazer"*
	Trabalho/Educação	18	17,3	*"Início percurso académico"; "Término do percurso académico", "Trabalhar juntos"*
	Propriedade	15	14,4	*"Comprar casa"; "Casa Carro", "Aquisição de bens em conjunto"*
	Valores Comuns	13	12,5	*"Desenvolvimento pessoal"; "Intimidade casal"; "Apoio"; "Lealdade"; "Companheirismo"*
	Adoção de animal	10	9,6	*"Adoção de animal"*
	Desafios de reconstrução familiar	1	1	*"Reconstrução familiar"*
Eventos Acidentais	Superação de adversidades (conflitos, distância, problemas económicos...)	9	8,7	"Superação de crises"; "Problemas económicos"; "Reajustes Familiares", "Distância"; "Conflito Intra casal"
	Confinamento	8	8,7	"Confinamento"
	Mudanças geográficas	7	6,7	"Mudança de trabalho"; "1ºtrabalho"
	Problemas de saúde	5	4,8	"Problemas de saúde", "Infertilidade"
	Morte Familiar	3	2,9	"Morte familiar"; "Perda de familiar"
	Perdas gestacionais	2	1,9	"Perda gestacional"
	Traição	1	1	"Traição"

Nota. n = nº de sujeitos da amostra que referiram aquela categoria, % = percentagem

Conforme apresentado na Tabela 8, os eventos normativos e entre eles, os rituais emergem como mais destacados, mencionados por 53,8% dos participantes. Estes rituais, que podem incluir celebrações pessoais (como por exemplo, Natal, Passagem de ano, aniversários) e outras práticas simbólicas, parecem desempenhar um papel crucial na construção e reforço dos laços conjugais.

A decisão de (Co)habitação foi o segundo evento mais citado, com 47,1% dos participantes indicando que a partilha de um espaço comum representou um marco importante na evolução da relação. Esse dado sublinha a importância da convivência diária na formação de uma unidade conjugal.

Atividades de lazer foram mencionadas por 19,2% dos casais como um aspeto marcante, indicando que momentos de descontração e diversão também são fundamentais para o fortalecimento dos vínculos. Paralelamente, 17,3% dos participantes identificaram o trabalho e a educação como fatores relevantes, evidenciando que o desenvolvimento profissional e educacional pode influenciar diretamente a trajetória do casal.

Outros eventos significativos incluem a aquisição de propriedades (14,4%), que pode ser vista como um símbolo de estabilidade e compromisso, e a partilha de valores comuns (12,5%), que ressalta a importância da afinidade de crenças e princípios na consolidação da relação.

Além disso, a adoção de um animal foi mencionada por 9,6% dos casais, sugerindo que a decisão de cuidar conjuntamente de um ser vivo pode reforçar o sentido de parceria e responsabilidade mútua. Superar adversidades foi indicado por 8,7% dos respondentes, destacando o papel dos desafios como oportunidades de fortalecimento do vínculo conjugal.

Outros eventos menos mencionados, mas ainda assim relevantes, incluem o confinamento (7,7%), mudanças geográficas (6,7%), problemas de saúde (4,8%), morte de familiares (2,9%), perdas gestacionais (1,9%), traição (1,0%), e desafios relacionados à reconstrução familiar (1,0%).

3.3 Recursos ou forças identificadas na relação

A investigação também procurou identificar os principais recursos ou forças dentro da relação que têm contribuído para a superação de eventuais dificuldades enfrentadas pelos casais.

Tabela 9.
Recursos ou forças identificadas na relação, que mais têm contribuído para a superação das eventuais dificuldades

	Categorias temáticas	n	%	Exemplos em Discurso direto pelos participantes
Recursos ou forças	Valores Comuns	78	75	*"Fidelidade"; "Paciência", "Trabalho em equipa"*
	Amor/Afeto	39	37,5	*"Amor"; "Amizade"; "Afeto/Carinho"*
	Comunicação	32	30,8	*"Comunicação"*
	Objetivos Comuns	11	10,6	*"Objetivos comuns"; "Recursos/Força"; "interdependência"*
	Crenças Espirituais	4	3,8	*"Deus"*
	Apoio a terceiros	3	2,9	*"Ajuda Psicológica"; "Amigos"; "Família"*
	Apoio Material	1	1	*"Reservas financeiras"*
	Atividades de Lazer	1	1	*"Viajar"; "Sair da rotina";*

Nota. n = nº de sujeitos da amostra que referiram aquela categoria, % = percentagem

Conforme apresentado na Tabela 9, a maioria dos participantes (75,0%) destacou os valores comuns como o recurso mais significativo. Este resultado indica que a partilha de crenças e princípios fundamentais entre os parceiros é vista como um alicerce crucial para enfrentar desafios, promovendo a coesão e a harmonia na relação.

O amor e o afeto foram mencionados por 37,5% dos participantes, sugerindo que os laços emocionais e a afeição mútua desempenham um papel vital na resiliência do casal diante de adversidades. A comunicação, destacada por 30,8% dos casais, também emerge como um

recurso essencial, refletindo a importância de um diálogo aberto e eficaz para a resolução de conflitos e para a manutenção da compreensão mútua.

Objetivos comuns foram indicados por 10,6% dos participantes, reforçando a ideia de que trabalhar em direção a metas compartilhadas pode fortalecer o sentido de propósito e união dentro da relação.

Outros recursos menos mencionados incluem crenças espirituais (3,8%), que podem proporcionar suporte emocional e espiritual em momentos de dificuldade; o apoio de terceiros (2,9%), que envolve a ajuda de familiares, amigos ou profissionais; e o apoio material (1,0%), que embora menos frequente, ainda assim pode ser um recurso valioso em situações específicas.

Finalmente, as atividades de lazer foram citadas por 1,0% dos casais, sugerindo que momentos de descontração e entretenimento também podem desempenhar um papel na manutenção da resiliência conjugal.

3.4 Escala de Ajuste Diádico Revisto (EAD-R)

Na Tabela 10 são apresentados os resultados da análise estatística do instrumento EAD-R e das subescalas Consenso**,** Satisfação e Coesão da Escala de Ajustamento Diádico Revisto (EAD-R)**.** A seguir, uma análise detalhada desses dados:

Tabela 10.
Análise estatística das subescalas EAD-R

Subescala	Média	Desvio-padrão
Escala Global	49,44	5,47
Consenso	24,78	2,543
Satisfação	15,10	2,958
Coesão	9,57	2,561

Na análise das estatísticas de item, a subescala **Consenso** engloba as questões relacionadas com "questões religiosas", "demonstração de afeto", "tomada de decisões importantes", "relações sexuais", "convencionalismo" e "decisões profissionais". Esta subescala tem a média mais alta (24,78), indicando que, em geral, os participantes demonstram um alto grau de consenso em pontos cruciais do relacionamento, como a tomada de decisões e a resolução de conflitos.

Na subescala **Satisfação**, as questões abordam a frequência com que os participantes "falam ou consideram o divórcio, separação ou fim da relação", "costumam discutir com o(a) companheiro(a)", "se se arrependem de ter casado (ou viver junto)", e "com que frequência o(a) companheiro(a) os deixa com “os nervos à flor da pele". Esta escala contem a média de com média de 15,10 que reflete que os participantes, de modo geral, avaliam de forma positiva a qualidade do relacionamento e a satisfação com o parceiro.

Por fim, a subescala **Coesão** inclui as questões que avaliam a frequência com que os participantes "se envolvem juntos em atividades e interesses extrafamiliares", "têm uma troca de ideias estimulante", "trabalham em conjunto em um projeto", e "discutem calmamente um assunto", esta é a menor média **(**9,57**),** o que pode indicar que os participantes tendem a relatar níveis mais baixos de proximidade emocional e atividades compartilhadas em comparação com as outras dimensões do relacionamento.

O resultado global de 49,44 indica um bom nível de ajustamento diádico.

3.5 Satisfação Com a Vida

A Tabela 11 apresenta os resultados da análise estatística da Escala SWLS, com médias e desvios-padrão para cada item. A seguir, uma análise detalhada dos dados.

Tabela 11.
Análise estatística da Escala SWLS

	Média	Desvio-padrão
SWSL1	5,12	1,279
SWSL2	4,98	1,329
SWSL3	5,32	1,302
SWSL4	5,29	1,377
SWSL5	4,66	1,716

As médias dos itens da escala oscilam entre 4,66 e 5,32, sinalizando um grau geral de concordância superior a 4, o que sugere que os participantes tendem a ter uma visão favorável sobre as dimensões avaliadas pela escala.

O item SWLS3 tem a média mais alta (5,32), sugerindo que os participantes têm uma perceção mais positiva sobre esta dimensão que se refere à pergunta "Estou Satisfeito com a minha vida".
A média do item SWLS5 é a mais baixa (4,66), indicando que os participantes podem ter uma visão menos positiva sobre essa dimensão, que se refere à pergunta "Se pudesse viver de novo não mudava nada".

Os resultados sugerem que embora a maior parte dos itens da escala SWLS recebem avaliações positivas, a diversidade de respostas à pergunta "Se pudesse viver de novo não mudava nada" (SWLS5) pode indicar áreas a serem aprimoradas ou diferentes experiências por parte dos participantes.

3.6 A duração da relação poderá ser influenciada pela Satisfação conjugal e pela satisfação com a Vida?

De forma a analisar se a Satisfação com a Vida e a Satisfação conjugal são influenciados pela duração da relação ou a fase do ciclo vital em que se encontram, foi realizada uma análise de variância da Anova.

Tabela 12.
Análise de variância (Anova)

Escala	**Valor Z**	**Valor p**
EAD-R	0,208	0,812
SWSL	0,115	0,892

O valor de Z na EAD-R foi de 0.208 e o valor de p de 0.812, no que concerne à escala SWLS, o valor de z foi 0.115 e o p-valor de 0.892. Os dois p-valores superam 0.05, o que sugere que as diferenças entre os grupos são mínimas e possivelmente não são decorrentes de diferenças reais entre eles. Com isto, conseguimos interpretar que não existem diferenças significativas, ou seja, tanto a satisfação conjugal como a satisfação com a vida não são influenciadas pela duração da relação bem como ciclo vital que o casal se encontra.

2. Discussão

A presente investigação teve como objetivo explorar e ampliar a nossa compreensão sobre como funcionam os casais sem filhos; o estudo examina como esses casais crescem ao longo do tempo e quais as forças que percebem em si mesmos. O foco da pesquisa foi identificar crises e mudanças significativas que ocorreram no desenvolvimento desses relacionamentos, analisar as razões por trás da decisão de não ter filhos e avaliar a satisfação conjugal e com a vida, levando em consideração os desafios encontrados e a duração da relação.

Por si só, esta investigação já se torna um desafio, uma vez que existem poucos estudos acerca do ciclo vital do casal e ainda menos focados especificamente nos casais sem filhos. Como já referido na introdução as categorizações do ciclo vital da família variam muito de autor para autor, o número e "marcadores" das etapas", mas é importante frisar que para muitos destes, o nascimento do primeiro filho é um marco significativo para o CVF (Lourenço, 2006).

Contudo, consideramos importante que haja uma reformulação nos principais indicadores para a realização de uma classificação do ciclo vital familiar uma vez que "Os modelos iniciais marcavam a existência de filhos para identificar as fases do desenvolvimento. Por outro lado, a necessidade de considerar as etapas do CVF e definir marcadores adicionais que representem a complexidade das estruturas familiares contemporâneas aumentou como resultado da proliferação de famílias com filhos adotados ou sem filhos (Aldous, 1990; Carter & McGoldrick, 2001; Nock, 1979; Relvas & Alarcão, 2002)." No nosso estudo foi possível analisar que a principal razão, citada por 48,1% dos participantes, foi o desejo de ter filhos que ainda não se concretizou, sugerindo que para muitos, a ausência de filhos é uma condição temporária. Este dado é relevante porque mostra que a ausência de filhos em muitos casos não é uma escolha definitiva, mas temporária ou até mesmo condicionada por diversos fatores como sociais, financeiros ou até mesmo biológicos. Este dado era algo esperado uma vez que a nossa amostra é muito jovem, com uma média de idades de 24-25 e é expectável que nestas idades e em relações relativamente recentes (moda de 1 a 5 anos) a parentalidade possa ainda vir a ser equacionada, num projeto de vida futuro, ainda que adiado face à realidade socioeconómica atual. De facto, o adiar do nascimento do primeiro filho é uma realidade sociodemográfica dos países ocidentais, já discutida por vários autores (Frizzo & Silva, 2014). Foi nossa opção metodológica nos critérios de inclusão não exigir determinada duração da relação ou idade dos participantes, nem recolher amostra em contextos clínicos específicos

(clínicas de apoio à reprodução medicamente assistida), critérios que seriam sempre um pouco arbitrários, mas que poderiam levar-nos a outra ordem de motivos. Em estudos futuros estas opções poderão, contudo, ser equacionadas, em função dos objetivos da investigação. A nossa intenção foi de natureza exploratória apenas.

Outros motivos significativos incluíram a escolha consciente de manter a liberdade pessoal (18,3%) e a vontade de preservar a relação tal como está (8,7%), ou seja, isto acaba por trazer uma outra perspetiva em não colocar como marco o primeiro filho do casal, normalizando a ideia de que hoje em dia é comum, casais não idealizarem ter filhos.

A investigação destacou ainda a importância dos eventos significativos pois revelou que rituais e a (co)habitação foram considerados os momentos mais importantes na evolução dos casais. Rituais, como celebrações pessoais e aniversários, foram destacados por 53,8% dos participantes como cruciais para a construção dos laços conjugais. A partilha de um espaço comum foi mencionada por 47,1% dos casais como um marco importante. Outros eventos, como atividades de lazer e aquisição de propriedades, também desempenharam papéis significativos. Estes achados sugerem que tanto eventos cotidianos quanto momentos especiais contribuem de forma importante para a formação e manutenção dos vínculos conjugais e ainda a variedade de experiências que podem marcar a evolução de uma relação conjugal, desde eventos cotidianos até situações de crise, cada um contribuindo de maneira única para a construção da história e da identidade do casal.

Outro resultado importante deste estudo é o facto destes casais conseguirem identificar vários recursos ou forças em si próprios, o que contraria um determinado estereótipo de que os casais sem filhos seriam mais insatisfeitos ou mais problemáticos. Os recursos mais destacados pelos participantes incluíram valores comuns (75,0%), amor e afeto (37,5%) e comunicação (30,8%). Esses elementos foram considerados essenciais para superar dificuldades e fortalecer a relação. A predominância dos valores comuns indica que a partilha de crenças e princípios fundamentais é crucial para a coesão do casal. O amor e a comunicação eficaz também se destacam como pilares importantes para a resiliência conjugal.

Estes dados sublinham a importância de uma base sólida de valores e de um relacionamento emocionalmente rico e comunicativo para a superação das dificuldades enfrentadas pelos casais. Cada recurso identificado contribui de maneira única para a

capacidade dos casais de enfrentarem e superarem os desafios ao longo de sua trajetória conjunta.

As informações da Escala de Ajustamento Diádico Revisto (EAD-R) fornecem perceções valiosas sobre a dinâmica das interações dos participantes. A subescala de Consenso, sobressai como a mais robusta, sugerindo que os participantes costumam atingir um alto nível de acordo em pontos cruciais do relacionamento, como decisões significativas e solução de conflitos. Isso indica que a habilidade de chegar a um consenso sobre temas fundamentais é um alicerce essencial para a estabilidade relacional.

Em contraste, a subescala de Coesão, sinaliza níveis mais baixos de proximidade emocional e atividades em conjunto. Esta diferença indica uma potencial área de aprimoramento, onde os casais podem beneficiar ao intensificar as suas interações e vivências compartilhadas. A média moderada de 15,10 na subescala de Satisfação indica que, apesar dos participantes estarem em geral contentes com as suas relações, a variação nesse campo pode representar desafios individuais ou circunstâncias específicas que necessitam de um estudo mais detalhado.

Em geral, os participantes têm um alto grau de consenso no relacionamento, seguido por níveis de satisfação moderados e uma menor coesão. O aumento da variabilidade na subescala de Satisfação pode indicar a necessidade de investigar diferenças individuais nos níveis de satisfação conjugal, já que essa parece ser uma dimensão mais suscetível a mudanças no relacionamento.

Os resultados da Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) indicam que os participantes possuem uma visão positiva das suas vidas, apresentando médias acima de 4 em todos os aspetos. Contudo, a média mais baixa no questionário foi a pergunta “Se eu pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria quase nada.” (SWLS5) que nos sugere que há espaço para aprimoramentos na satisfação pessoal. Esta variedade de respostas indica que, mesmo que muitos participantes estejam satisfeitos, a insatisfação pode representar distintas experiências ou expectativas não cumpridas.

Sobre a Influência do Ajustamento Diádico e Satisfação com a Vida na Duração do Relacionamento, a análise de realizada revelou que a Satisfação com a Vida e o Ajustamento Diádico Revisto não são indicadores relevantes da duração do relacionamento. Os resultados

indicaram que, mesmo havendo uma correlação moderada entre a Satisfação com a Vida e o Ajuste Diádico), essa não tem um efeito direto na duração dos relacionamentos. Isto indica que outros elementos, possivelmente externos ou circunstanciais, podem ter uma influência mais significativa na longevidade dos relacionamentos.

A análise da satisfação conjugal em diversas etapas do ciclo vital, indicou que não há diferenças estatisticamente significativas no ajustamento diádico entre as etapas examinadas.

Consideramos que os dados obtidos no presente estudo poderão ser úteis para a pesquisa e a prática clínica futuras, principalmente para entender as dinâmicas e obstáculos enfrentados por casais que não têm filhos. No entanto, para um maior aprofundamento dos dados seria importante incluir as experiências e as perceções desses casais. Futuras investigações devem levar em consideração o aumento da representatividade da amostra, a incorporação de metodologias qualitativas e a revisão dos instrumentos e categorias utilizados.

Conclusão:

Este estudo ofereceu uma perspetiva ampla e detalhada sobre as dinâmicas e obstáculos que os casais sem filhos enfrentam, contribuindo para um campo ainda pouco explorado na literatura. A análise de crises e acontecimentos significativos ao longo da vida desses casais permitiu entender como elementos internos, tais como valores compartilhados, amor, afeto e comunicação eficiente, exercem funções cruciais na coesão e resiliência do casal. É importante salientar que, o estudo mostrou que a falta de filhos, para muitos, é uma circunstância transitória e não uma decisão irrevogável, frequentemente influenciada por elementos externos como questões financeiras, biológicas ou sociais. Estudos qualitativos futuros poderão dar continuidade em maior profundidade a estes resultados qualitativos ainda muito exploratórios.

Para avaliar a qualidade relacional e a satisfação com a vida dos casais sem filhos foram usados os instrumentos EAD-R e a SWLS e concluímos que estes casais apresentam bons níveis de ajustamento diádico e uma elevada satisfação com a vida, o que desmistifica um pouco os preconceitos ligados aos casais sem filhos, evidenciando que eles não são necessariamente mais insatisfeitos ou problemáticos do que casais com filhos. Em vez disso, os recursos internos identificados por esses casais, como a partilha de valores e a comunicação eficiente, são fundamentais para o fortalecimento de suas relações. Isso indica que a falta de

filhos não deve ser interpretada como um elemento que debilita a relação conjugal, mas como uma opção ou situação que pode coexistir com relações estáveis e gratificantes.

Além disso, o estudo revelou que o tempo de relacionamento não é um elemento crucial para a satisfação conjugal ou com a vida, indicando que a qualidade do vínculo depende de uma combinação mais intrínseca dos elementos.

Apesar do estudo ter fornecido contribuições significativas, é crucial reconhecer suas restrições. A amplitude da amostra, a predominância de jovens casais e a utilização de escalas quantitativas restringem a generalização dos resultados e a profundidade da análise. Em pesquisas futuras poderiam beneficiar de um método qualitativo, como entrevistas semiestruturadas, para investigar mais a fundo as motivações e vivências dos casais sem filhos, incorporação de amostras mais variadas quanto à idade, tempo de relacionamento e contexto sociocultural para obter uma visão mais aprofundada desta temática.

Em suma, esta pesquisa revela a complexidade das relações de casais sem filhos, ressaltando que a satisfação conjugal e a satisfação com a vida estão intrinsecamente ligadas. Estes resultados proporcionam perceções valiosas para pesquisas futuras e para a prática clínica, auxiliando na compreensão e suporte a uma variedade cada vez maior de estruturas familiares atuais.

No entanto, é importante reconhecer as limitações do estudo. O tamanho e a representatividade da amostra foram desafios significativos, afetando a generalização dos resultados. A amostra foi predominantemente jovem e desequilibrada em termos de género, o que pode ter influenciado as descobertas e limitações na aplicabilidade dos resultados à população geral de casais sem filhos. Além disso, a presença de valores omissos, especificamente em relação às razões para não ter filhos, pode ter distorcido a interpretação dos dados.

A natureza da autorresposta dos dados também coloca a questão do viés de desejabilidade social, em que os participantes podem ter fornecido respostas que pensavam ser mais socialmente aceitáveis em vez de refletir suas experiências reais. Além disso, a profundidade da análise foi limitada pelo uso de categorias de resposta com baixa representatividade. Posto isto, consideramos que um estudo qualitativo com entrevistas semiestruturadas poderia ter fornecido uma compreensão mais profunda e abrangente das motivações e das experiências destes casais.

3. Referências bibliográficas

Chaskelmann, M. (2020). Vinculação do adulto, aceitação e valorização do cônjuge: relação com a estabilidade da relação conjugal. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Delgado, M. (2007). *O desejo de ter um filho... as vivencias de um casal infértil.* Universidade Aberta

Galhardo, A., Cunha, M., Monteiro, B., & Pinto-Gouveia, J. (2020). *Assessing psychological inflexibility in infertility: The development and validation study of the Psychological Inflexibility Scale–Infertility (PIS-I).* Journal of Contextual Behavioral Science, 18, 239-246.

Gomes, C. (2019). *Ajustamento conjugal, estilos parentais e ajustamento da criança.* Universidade Autónoma de Lisboa

Gonzalez, B. (2016). *A satisfação com a vida, o bem-estar psicológico e o suporte social entre idosos institucionalizados e não institucionalizados*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Guimarães, B. (2008). *Métodos quantitativos estatísticos.* Curitiba: Iesde Brasil SA, 1, 252.

https://moodle.ismt.pt/pluginfile.php/62436/mod_resource/content/0/TCS_Enquadramento%20do%20Casal.pdf

Lopes, B. (2012). *Um olhar sobre as relações amorosas: Satisfação conjugal, Intimidade e Satisfação sexual*. Instituto Universitário Ciencias Psicologias sociais e da vida

Lourenço, A. (2012). *Cônjuges com e sem filhos. Diferenças e semelhanças na perceção da conjugalidade.* Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Lourenço, M. (2006). *Casal: conjugalidade e ciclo evolutivo*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Coimbra

Marôco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS Statistics.: 7ª edição*. ReportNumber, Lda.

Martins, R., & Sequeira, J. (2018). *Revisão Sistemática do ciclo vital da família.*

Mota, R. (2012). *Perceções da conjugalidade. Existem efeitos em função do número de filhos?.* Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Mussumeci A., & Ponciano E. (2019). *Ciclo de vida conjugal: momentos de estresse Previsíveis e imprevisíveis ao longo do casamento* [Cycle of married life: moments of predictable and unpredictable stress throughout marriage]. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p.1171-1193. http://dx.doi.org/10.5752/P.1677-1168.2019v25n3p1171-1193.

Nunes, L. (2009). *Promoção do Bem-estar subjetivo do Idoso através da Intergeracionalidade.* Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Oliveira, J. (2012). *Versão portuguesa do Inventário de Diferenciação do Self-Revisto: Estudo exploratório com casais***.** Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

OpinionBox, (2023). *Estudo transversal: tudo que você precisa saber.* https://blog.opinionbox.com/estudo-transversal/

Pereira, M., Moura-Ramos, M., Narciso, I., & Canavarro, M. C. (2017, july). *Psychometric properties of the Revised Dyadic Adjustment Scale (DAS) in a sample of couples: Testing the factorial invariance across gender* [Paper presentation]. 14th European Conference on Psychological Assessment, Lisbon, Portugal.

Pimentel, I. (2020) *Terapia conjugal e sexual.* Unidade estrutural manuscrito não publicado, Instituto Superior Miguel Torga.

Pires, A. (2008) *estudo da conjugalidade e da parentalidade através da satisfação conjugal e da aliança parental*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Pocinho, M. (2012). *Metodologia de Investigação e Comunicação do Conhecimento Científico*. Lidel

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Pordata. (2023). Quantos são os matrimónios entre pessoas do sexo oposto ou do mesmo sexo?. Casamentos. https://www.pordata.pt/portugal/casamentos-16

Reis, C. (2019). *Os rituais no casal: a parte in(visível): Os rituais no casal: a parte in(visível) especificidades entre contextos continentais e insulares e entre etapas do ciclo vital da família.* Universidade de Lisboa

Reppold C., & Kaiser V., & Zanon C., & Hutz, C., & Cassanova J., & Almeida, L. (2019). *Escala de Satisfação com a Vida: Evidências de validade e precisão junto de universitários portugueses* [Satisfaction with Life Scale: Evidences of validity and reliability among Portuguese college students]. Revista de Estudios e Investigatión En Psicología y Educación Vol. 6, No. 1, 15-23. https://doi.org/10.17979/reipe.2019.6.1.4617

Rios, M., & Gomes, I. (2009). Estigmatização e conjugalidade em casais sem filhos por opção. [Abstract]. *Psicologia em Estudo,* Maringá, v. 14, n. 2, p. 311-319

Sebastião, J. (2020). *Escala de ajustamento diádico – ead e questionário de estilos de autoridade parental para pais – paq-p: adaptação transcultural e contributos para a validação em angola.* Universidade Autónoma de Lisboa

Silva, A. (2020). *Métodos estatísticos aplicados à saúde: Uma abordagem prática*. Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado.

Silva, I. M. D., & Frizzo, G. B. (2014). Ter ou não ter?: Uma revisão da literatura sobre casais sem filhos por opção. *Pensando famílias*. Porto Alegre. Vol. 18, n. 2 (dez. 2014),[9 f.].

Vailati, N. (2011). *Casais sem filhos: As repercussões individuais e na relação conjugal*

Vilas, L. (2015). *Satisfação Conjugal, Amor Romântico, Coping Diádico e Sensibilidade Olfativa ao longo do Ciclo Vital do Casal: Estudo comparativo.* Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

4. Anexos

Anexo 1: Parecer da Comissão de Ética

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA
COIMBRA 1937

Parecer da Comissão de Ética

Parecer: CE-P17-24

Projeto de Investigação: "Casais sem filhos: perspetiva desenvolvimental do ciclo vital do casal"

Investigadores: Mestranda Sandrina Teixeira Costa

Orientador: Professora Doutora Inês Pimentel

Data entrada: 13 de março de 2024

Data de apreciação: 11 de abril de 2024

Fundamentação do parecer

O projeto de investigação tem como objetivo estudar funcionamento específico dos casais sem filhos, independentemente das razões subjacentes, e de que forma esses casais evoluem ao longo do tempo, quais as crises e/ou mudanças que percecionam como marcantes nesse desenvolvimento e, em função do tempo da relação, se se apresentam mais ou menos satisfeitos com a sua conjugalidade.

O projeto encontra-se fundamentando e é considerado pertinente para a área científica em questão. O estudo é de natureza transversal, sendo os dados recolhidos apenas num único momento de avaliação. Os dados recolhidos serão quantitativos. O tratamento estatístico dos dados referentes a este estudo será efetuado através do programa Statistical Package for Social Sciences (SPSS).

Estão apresentados os formatos de recolha dois dados e definidos os critérios de inclusão dos participantes: adultos da população portuguesa numa relação conjugal que coabitem há pelos menos 1 ano e que não tenham filhos na atual relação

Está garantida a colaboração voluntária e anónima dos participantes, através de consentimento informado, livre e esclarecido.

Largo da Cruz de Celas, nº 1
3000-132 Coimbra
tel. 239 488030
fax 239 488031
iomt@iomt.pt
www.iomt.pt

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA
COIMBRA 1937

A partilha deste estudo será realizada através das redes sociais e colocados na plataforma GoogleForms. O protocolo é composto por um questionário sociodemográfico, a Escala de Ajuste Diádico Revisto (EAD-R) e a Escala de Satisfação com a Vida. Os autores das escalas utilizadas neste estudo concederam autorização para uso das mesmas.

Os dados serão armazenados de forma confidencial assumindo os investigadores a responsabilidade pelos mesmos.

Os investigadores explicitam que os resultados integrarão a dissertação de mestrado.

Os investigadores estão comprometidos com a salvaguarda das questões éticas previstas na investigação com seres humanos, de acordo com a Declaração de Helsínquia.

A Comissão de Ética do Instituto Superior Miguel Torga emite parecer positivo ao Projeto de Investigação em causa.

Coimbra, 11 de abril de 2024

PL' A Comissão de Ética

(Joana Sequeira, Ph.D.)

Largo da Cruz de Celas, nº 1
3000-132 Coimbra
tel. 239 488030
fax 239 488031
ismt@ismt.pt
www.ismt.pt

Anexo 2: Consentimento Informado

Gostaríamos de o/a convidar a participar num projeto de investigação a decorrer no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica - Terapias Familiares e Sistémicas do Instituto Superior Miguel Torga. Este projeto intitula-se de "Casais sem filhos: perceção de bem-estar e eventos significativos ao longo do seu ciclo vital ".

O objetivo geral da presente investigação consiste em compreender o funcionamento específico dos casais sem filhos, independentemente das razões subjacentes, e de que forma esses casais evoluem ao longo do tempo, quais as crises e/ou mudanças que percecionam como marcantes nesse desenvolvimento e em função do tempo da relação se se apresentam mais ou menos satisfeitos com a sua conjugalidade.

Podem participar todas as pessoas com idades superiores a 18 anos e que coabitem há pelos menos 1 ano.

A participação no estudo envolve o preenchimento de um conjunto de questionários online, tendo uma duração total de aproximadamente 5 minutos.

O rigor científico e a ética da investigação científica serão os pilares deste estudo, garantindo que todos os participantes permaneçam anónimos e que os dados sejam usados apenas para fins da investigação.

Agradecemos desde já a sua colaboração,

Se surgirem dúvidas, ou se for preciso esclarecimentos adicionais, ou obter mais informações sobre o estudo, por favor entre em contato connosco através do seguinte endereço de e-mail:

casaisemfilhos@gmail.com

A equipa de investigação,

Sandrina Costa

Inês Pimentel

Consentimento Informado:

○ Ao aceitar participar no presente estudo, declara que foi informado/a sobre o âmbito e os objetivos do mesmo. Bem como, do carácter voluntário e da possibilidade de terminar a sua participação a qualquer altura.

Anexo 3: Questionário Sociodemográfico

1.IDADE: _____ anos

2.GÉNERO

Masculino: ..... ☐

Feminino: ..... ☐

Outro: _____

3. ORIENTAÇÃO SEXUAL

Heterossexual: ..... ☐

Homossexual: ..... ☐

Bissexual: ..... ☐

Assexual: ..... ☐

Pansexual: ..... ☐

3. MEIO DE RESIDENCIA

Urbano: ..... ☐

Rural: ..... ☐

4. HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

Nenhuma: ..... ☐

1º ciclo (1º ano ao 4ºano): ..... ☐

2º ciclo (5º e 6º ano): ..... ☐

3º ciclo (7º ao 9º ano): ..... ☐

Secundário (10º ao 12º ano): ..... ☐

Licenciatura: ..... ☐

Mestrado: ..... ☐

Doutoramento: ..... ☐

5. SITUAÇÃO PROFISSIONAL

Estudante: ..... ☐
Empregado(a): ..... ☐
Desempregado(a): ..... ☐
Reformado(a): ..... ☐

6. ESTADO CIVIL

Solteiro(a): ..... ☐
União de Facto: ..... ☐
Casado(a): ..... ☐
Divorciado(a): ..... ☐
Recasado(a)/nova união de facto: ..... ☐
Viúvo(a): ..... ☐

6.1 DURAÇÃO DA RELAÇÃO ATUAL

1-5 anos ..... ☐
5-10 ..... ☐
10-15 ..... ☐
15-20 ..... ☐
+ 20 ..... ☐

6.1.1 TEM FILHOS DE OUTRA RELAÇÃO?

Sim ..... ☐
Não ..... ☐

6.2 PRINCIPAIS RAZÕES PARA NÃO TER FILHOS (NA RELAÇÃO ATUAL)

Desejo ter filhos, mas ainda não se concretizou ..... ☐
Desejo ter filhos, mas o meu/minha companheiro/a não quer ..... ☐
Nunca senti esse desejo ..... ☐
Senti esse desejo, mas a partir de determinada altura tive a certeza que não queria ter filhos ..... ☐
Impossibilidade por razões de saúde (ex: diagnostico de infertilidade) ..... ☐
A certa altura tomei a decisão de não ter filhos e fiz um procedimento médico para tal (ex: vasectomia, laqueação de trompas) ..... ☐
Não tenho filhos porque já não me encontro em idade fértil ..... ☐
Nunca me decidi a 100% e deixei o tempo passar ..... ☐

Não tenho filhos devido a acontecimentos ao longo da minha vida (ex: trabalho, ausência de uma relação estável, etc.) ..... ☐

Por opção de estilo de vida, desejo manter a minha liberdade ..... ☐

Não me revejo, em termos de identidade, no papel materno/paterno ..... ☐

Porque quero manter a minha relação tal como ela está ..... ☐

1- Gostaríamos agora de o convidar a imaginar uma linha de vida em que o ponto a é o início da relação atual e o ponto b é o momento de hoje. Nesta linha quais os eventos de vida que consideraria mais importantes. Identifique pelo menos 3.



2- Quais os recursos ou forças que identifica na sua relação, que mais têm contribuído para a superação das eventuais dificuldades nesta trajetória?

Anexo 4: Escala de Ajustamento Diádico – Revista

Instruções: Muitas pessoas têm desentendimentos nas suas relações. Por favor, assinale o grau de acordo ou desacordo entre si e o(a) seu(sua) companheiro(a) relativamente a cada item da lista que se segue.

	Sempre de acordo	**Quase sempre de acordo**	**Ocasionalmente de acordo**	**Frequentemente em desacordo**	**Quase sempre em desacordo**	**Sempre em desacordo**
1. Questões religiosas						
2. Demonstrações de afecto						
3. Tomada de decisões importantes						
4. Relações sexuais						
5. Convencionalismo (considerar o que são comportamentos correctos ou adequados)						
6. Decisões profissionais						

	Sempre de acordo	**Quase sempre de acordo**	**Ocasionalmente de acordo**	**Frequentemente em desacordo**	**Quase sempre em desacordo**	**Sempre em desacordo**
7. Com que frequência fala, ou tem considerado, o divórcio, a separação ou o fim da relação?						
8. Com que frequência costuma discutir com o(a) seu(sua) companheiro(a)?						
9. Alguma vez se arrepende de ter-se casado (ou viver junto)?						
10. Com que frequência o(a) seu (sua) companheiro(a)						

o(a) deixa com "os nervos à flor da pele"?						
11. Envolvem-se juntos em actividades e interesses extra-familiares?						

Com que frequência acontecem as seguintes situações entre si e o(a) seu(sua) companheiro(a)?

	Nunca	**Menos do que uma vez por mês**	**Uma ou duas vezes por mês**	**Uma ou duas vezes por semana**	**Uma vez por dia**	**Frequentemente**
12. Ter uma troca de ideias estimulante						
13. Trabalhar em conjunto num projecto						
14. Discutir calmamente um assunto						

Anexo 5: Escala de Satisfação com a Vida

	Discordo muito (1)	Discordo um pouco (2)	Não concordo, nem discordo (3)	Concordo um pouco (4)	Concordo muito (5)
1. A minha vida parece-se, em quase tudo, com o que desejaria que fosse					
2. As minhas condições de vida são muito boas					
3. Estou satisfeito(a) com a minha vida					
4. Até agora, tenho conseguido as coisas importantes da vida, que eu desejaria					
5. Se eu pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria quase nada.					